



# ENTRE BRINQUEDOS, CORES E ESTEREÓTIPOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PRÁTICAS DE GÊNERO NA INFÂNCIA E NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Maria Eduarda Mackincs Franzoia<sup>1</sup>, Diego Zanelato Lourenço de Souza<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, UMGF - bolsista integral do Programa Universidade para Todos (ProUni).  
dudafranzoia@hotmail.com

<sup>2</sup>Mestrando em Gestão do Conhecimento nas Organizações na Universidade Cesumar – UniCesumar, Graduado em Psicologia e Docente no curso de Psicologia na Faculdade UMGF, diego.souza@umfg.edu.br

## RESUMO

Com base em uma revisão integrativa da literatura científica, este estudo analisou como os papéis de gênero são construídos, reforçados ou questionados na infância, com ênfase na educação infantil. A pesquisa teve como objetivo compreender de que formas as práticas escolares contribuem para a formação de identidades de gênero, a partir da questão: como os papéis de gênero são construídos e reforçados na infância, especialmente no contexto da educação infantil? Foram selecionados sete artigos publicados entre 2020 e 2024, localizados nas bases Periódicos CAPES E PePSIC, com critérios de inclusão previamente definidos. Os resultados evidenciam que as práticas pedagógicas cotidianas frequentemente reforçam estereótipos de gênero. No entanto, os estudos também apontam possibilidades de transformação por meio de abordagens educativas críticas e inclusivas. Conclui-se que a superação das desigualdades de gênero na infância depende de práticas escolares sensíveis à diversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil; Gênero; Infância.

## 1 INTRODUÇÃO

A infância é um período decisivo para o desenvolvimento humano, no qual se estabelecem os primeiros contatos com normas sociais, papéis culturais e formas de subjetivação (Sarno, 2022). É nesse momento que a criança começa a formar noções sobre si mesma, os outros e o mundo que a cerca, sendo influenciada por uma variedade de contextos, como a família, a escola e os meios de comunicação (Papalia e Feldman, 2013). Conforme aponta Louro (1997), o gênero é uma construção social que organiza identidades e relações, sendo fundamental analisá-lo desde os primeiros anos de vida, quando se iniciam os processos de socialização.

A educação infantil ocupa um lugar central na socialização das crianças e na construção das normas de gênero, funcionando como um dos primeiros espaços institucionais em que se aprendem valores, comportamentos e expectativas sociais (Vianna e Finco, 2009). De acordo com as autoras supracitadas, esse ambiente não é neutro: ele está atravessado por relações de poder e por práticas que produzem e reforçam significados sobre o que é ser menino ou menina.

Mesmo em contextos educativos que se dizem pautados na igualdade, persistem sutilezas na maneira como adultos tratam as crianças, nos tipos de brincadeiras incentivadas e nas expectativas comportamentais dirigidas a meninos e meninas. Tais práticas contribuem para a consolidação de estereótipos de gênero desde a primeira infância, influenciando profundamente a constituição de identidades infantis e delimitando possibilidades de atuação e expressão (Vianna e Finco, 2009).

Dessa forma, refletir sobre os papéis de gênero atribuídos na infância, especialmente no âmbito da educação infantil, torna-se essencial para promover uma educação mais equitativa, crítica e inclusiva. Com base nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura científica, como os papéis



de gênero são construídos, reforçados ou questionados no contexto da infância, com foco na educação infantil.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste estudo, foi utilizado o método de revisão integrativa, o qual permite organizar, sintetizar e discutir produções científicas já publicadas, com o objetivo de auxiliar na compreensão de determinado problema de pesquisa (Souza, Silva, e Carvalho, 2010). A questão norteadora deste estudo é: como os papéis de gênero são construídos e reforçados na infância, especialmente no contexto da educação infantil, segundo a literatura científica recente?

Foram definidos critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos materiais analisados. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados entre os anos de 2020 e 2024; disponíveis na íntegra; em português; com foco em temas relacionados aos papéis de gênero na infância e na educação infantil; publicados em periódicos avaliados pela CAPES. Os critérios de exclusão considerados foram: artigos duplicados; teses e dissertações; textos de opinião; publicações fora do escopo temático; indisponíveis na íntegra.

A coleta de dados foi realizada por meio da busca de artigos no ano de 2025, nas seguintes bases de dados: Periódicos CAPES, SCIELO e PePsic. O levantamento das publicações científicas foi feito com o uso dos seguintes descritores: papéis de gênero *AND* infância; expressões de gênero *AND* infância; papéis de gênero *AND* educação infantil. Na busca inicial, foram encontrados um total de 28 artigos, sendo 27 na base Periódicos CAPES, 1 na base PePSIC e nenhum na base Scielo. Após leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foram eliminados 19 artigos por não atenderem aos critérios estabelecidos; após a leitura na íntegra, mais 2 artigos foram desconsiderados. Assim, foram selecionados 7 artigos que atendem à problemática do estudo, sendo 6 provenientes da base Periódicos CAPES e 1 da base PePSIC.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A construção dos papéis de gênero na infância é atravessada por diversos dispositivos sociais que atuam desde os primeiros anos de vida das crianças, sendo a educação infantil um espaço central nesse processo. A literatura acadêmica tem se debruçado sobre essas questões, buscando compreender de que maneira as instituições educativas, em articulação com a cultura, a família e as políticas públicas, participam da formação das identidades de gênero na infância (Barboza *et al.* 2020; Duarte *et al.* 2024; Fróis, 2020; Godoy *et al.* 2021; Lopes e Praxedes, 2024; Moura, 2021; Sena *et al.* 2020). Tais estudos abordam essas temáticas sob diferentes perspectivas, com o intuito de identificar recorrências, tensões e contribuições para o debate contemporâneo sobre infância, educação e gênero.

Godoy *et al.* (2021) analisam como brinquedos e brincadeiras atuam na produção de normas de gênero durante a infância, revelando que as práticas lúdicas não apenas refletem, mas também reforçam discursos sociais hegemônicos sobre o que é ser menino ou menina. A pesquisa evidencia que a oferta e a organização dos brinquedos tendem a reproduzir estereótipos binários, limitando possibilidades de expressão e subjetivação infantil. Além disso, o estudo aponta que a própria mediação dos adultos e o discurso midiático intensificam essa cisnormatividade, orientando os desejos e interesses das crianças de forma normativa.

Nesse sentido, Barboza *et al.* (2020) evidenciaram que ainda que as crianças reproduzam papéis rígidos e estereotipados reforçados pelos significados culturais



compartilhados e pelo repertório limitado de brinquedos oferecidos, o processo criativo da própria brincadeira tem potencial de tensionar e superar essas desigualdades, abrindo espaço para modos críticos e inventivos de expressão infantil.

Complementando a discussão, Fróis (2020) analisa como a expressão de gênero é construída na infância por meio de gestos, posturas corporais e práticas cotidianas, que, posteriormente, se transformam em linguagem verbal. A autora supracitada evidencia que o gênero é performado desde muito cedo, sendo marcado por sinais corporais, modos de agir, brincar e se posicionar no espaço escolar. O estudo destaca que as crianças não apenas reproduzem discursos normativos, mas também elaboram modos próprios de significar gênero, a partir de suas experiências, relações e disputas simbólicas.

Sob a perspectiva histórico-cultural, Duarte *et al.* (2024), argumentam que a brincadeira é uma prática social fundamental para a internalização dos modos de agir social e, portanto, também para a construção de papéis de gênero. O texto mostra que a escola, sobretudo na educação infantil, é um espaço que reforça normas de gênero ao direcionar meninos a brincadeiras associadas à força e movimento, e meninas a atividades de cuidado e zelo. Os autores evidenciam que professores, muitas vezes de forma inconsciente, reforçam estereótipos ao limitar ou estimular determinadas brincadeiras com base no sexo biológico da criança, contribuindo para a manutenção da lógica binária e patriarcal. Os autores concluem ser urgente repensar a intencionalidade pedagógica na educação infantil, criando oportunidades para que meninos e meninas vivenciem experiências lúdicas diversas, livres de estigmas, promovendo a equidade de gênero desde a infância.

De forma semelhante, Lopes e Praxedes (2024), discutem como as relações de gênero são construídas nas aulas de educação física, desde a infância, por meio da atuação docente. A partir de uma revisão de literatura, o estudo evidencia que as diferenças entre meninos e meninas nas aulas costumam ser naturalizadas por argumentos biológicos, o que legitima práticas segregadoras e desiguais. Os professores ao reforçar estereótipos de masculinidade e feminilidade (como a ideia de que meninos são mais ativos), influenciam diretamente o comportamento e a participação dos alunos, perpetuando desigualdades.

Em consonância, Sena *et al.* (2020) apresentam uma análise crítica sobre como a escola, especialmente na educação infantil, reforça estereótipos e desigualdades de gênero por meio de práticas pedagógicas e culturais naturalizadas. A partir de vivências docentes, são descritas situações em que o ambiente escolar limita as possibilidades de expressão infantil, reforçando padrões sexistas e hierarquias de gênero. Os autores também apontam para a importância de uma formação crítica dos educadores e da inclusão dos debates sobre gênero e sexualidade nos currículos escolares, como forma de promover uma educação mais igualitária e respeitosa às diferenças, desafiando práticas que ainda perpetuam discriminação e exclusão.

Da mesma maneira, Moura (2021), também traz questionamentos sobre a construção de gênero na infância. A autora supracitada, que aponta ser mãe de menina e vivenciar na prática essas questões, discute como uma parentalidade ativa pode valorizar a igualdade de gênero e analisa como a linguagem usada pelos adultos (pais e professores, por exemplo) tende a segregar meninos e meninas, influenciando expectativas e constrangimentos. Moura defende a desconstrução dessa dualidade por meio de atividades e estímulos sem divisão por gênero, respeitando a faixa etária, mas sem impor papéis sociais predefinidos, para que cada criança desenvolva sua expressão e habilidades de forma autônoma e sem imposições socioculturais.

As pesquisas discutidas dialogam entre si ao evidenciar que a construção dos papéis de gênero na infância ocorre de forma multifacetada, envolvendo práticas corporais, linguagem, brincadeiras, mediação docente e familiar, bem como representações culturais naturalizadas. Os trabalhos se articulam ao defender a importância de práticas educativas



e sociais que ampliem as possibilidades expressivas das infâncias, rompendo com estereótipos de gênero e promovendo formas mais plurais de subjetivação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar, a partir de uma revisão integrativa da literatura, como os papéis de gênero são construídos, reforçados ou questionados na infância, com foco na educação infantil. Partindo da compreensão de que o gênero é uma construção social atravessada por relações de poder, foi possível identificar que a educação infantil desempenha papel central na formação das identidades de gênero, muitas vezes reproduzindo estereótipos normativos e binários.

Os estudos analisados apontam que práticas cotidianas como a organização de brinquedos, a mediação das brincadeiras, o uso da linguagem pelos adultos e a condução das aulas contribuem para consolidar distinções de gênero desde os primeiros anos de vida. Por outro lado, os artigos também revelam o potencial transformador de práticas pedagógicas críticas, que consideram a infância como um campo de múltiplas possibilidades expressivas e subjetivas. Estratégias como o incentivo a brincadeiras não segmentadas por gênero, o uso de linguagem inclusiva e a formação de educadores sensíveis à diversidade demonstram-se caminhos promissores para a promoção de uma educação mais equitativa e plural.

Diante dos achados, sugere-se que futuras pesquisas continuem investigando as múltiplas formas pelas quais os papéis de gênero são construídos na infância, considerando diferentes contextos sociais, culturais e educacionais. Estudos que ampliem as perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema podem contribuir para a compreensão das dinâmicas de gênero nas infâncias, bem como para a formulação de práticas e políticas educativas mais inclusivas e equitativas.

#### REFERÊNCIAS

BARBOZA, A. M. M.; MIURA, P. O.; OLIVEIRA, A. A. S.; LEITÃO, H. A. L. As brincadeiras infantis em comunidade periférica da cidade de Maceió-AL: as relações de gênero em questão. **Dossiê**, v. 6, n. 4, out./dez., 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37657/24502> Acesso em: 22 jul. 25.

DUARTE, L. F. G.; MARTINS, I. C.; GIMENEZ, R. Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil.

**Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 27, n. 51, jan./abr., 2024. Disponível em:

<https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/7100/5139> Acesso em: 22 jul. 25.

FRÓIS, E. S. A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra.

**Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 2, São João del-Rei, abr.-jun., 2020.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n2/06.pdf> Acesso em: 22 jul. 25.

GODOY, K. N. B.; MOURÃO, L.; OLIVEIRA, A. L. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. **Revista Pensar e Prática**, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/64935/36950> Acesso em: 22 jul. 25.

LOPES, C.; PRAXEDES, J. Gênero na educação física escolar e a atuação docente em um contexto de desigualdades. **Revista e-Mosaicos**, v. 13, n. 32, jul./dez., 2024.



Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/82904/52320>  
Acesso em: 22 jul. 25.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOURA, T. R. Construindo gênero na infância: reflexões para uma parentalidade não-sexista. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 8, n. 16, p. 259-272, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/11101/8785>  
Acesso em: 22 jul. 25.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi. AMGH, 12 ed. Porto Alegre, 2013.

SARNO, S. M. G. Infância na Contemporaneidade: a significativa interação das crianças com webcelebridades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p.1-12, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XqkhgVzsN3PdvW64WjrfJDG/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 1 ago. 25.

SENA, D. M. R.; FRAGA, J. T.; MENDONÇA, J. G. R. Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil. **Revista Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 576-594, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11569/8492> Acesso em: 22 jul. 25.

SOUZA, M. T. DE .; SILVA, M. D. DA .; CARVALHO, R. DE .. Integrative review: what is it? How to do it?. *einstein* (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt> Acesso em: 3 ago. 25.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pago**, v. 33, jul-dez, p. 265-283, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/GXVR8FrdMjrcWHvLWcv7xrF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 jul. 25.